

LITERATURA E COMUNICAÇÃO
NA ERA DA ELETRÔNICA

Fábio Lucas

Nesta obra, o autor mostra como no mundo real Comunicação e Literatura se entrelaçam intimamente, interagem, assim como, no passado, a Literatura conviveu com a Imprensa, o Telégrafo, o Rádio e o Cinema, influenciando-se reciprocamente. A obra também critica e denuncia o domínio da mídia como outro aspecto do imperialismo. E sugere novas formas e gêneros a partir dos meios eletrônicos. Estuda a Modernidade e o seu mais alto produto: a crítica da razão. Temas envolventes que ilustram a era da epopéia visual.

Cortez Editora

O indígena hispano-americano: história e ficção

Nelci Müller*

Introdução

As relações entre o indígena e o branco têm sido motivo permanente na Literatura Hispano-americana como elementos configuradores de um universo histórico em crise. O romance constitui o elemento essencial para a apreensão dessa realidade, uma vez que "o princípio estruturador da ficção consiste em dar forma estética a uma experiência".¹ O contexto histórico é uma força constitutiva da criação literária na América Hispânica, onde emerge a marca de aculturação que conforma a grande parte da produção literária pelo menos até o século XIX. A partir do final desse século, boa parte da literatura passa a se caracterizar pelo propósito de crítica social através de um discurso de descolonização, em busca da afirmação de uma identidade nacional e da revelação de outra História dos povos americanos.

Esse processo de descolonização encontra respaldo nas modernas teorias da história e da literatura: as primeiras, baseadas na *École des Annales* e Nova História lançam nova luz sobre a questão da complementaridade entre as duas disciplinas e propõem uma outra leitura dos fatos e de seus atores – uma leitura "vista de baixo"² dos que ousaram transgredir ou que foram silenciados quando os grandes homens, estadistas, generais e religiosos ocuparam as páginas da História "vista de cima".³ Alguns historiadores aproveitam as reflexões abertas por essa por essa moderna historiografia e recorrem a outras disciplinas acadêmicas como a Crí-

* URI.

¹ JOSEF, Bella. Literatura e história: um diálogo de textos. *América Hispânica: literatura e história*. Rio de Janeiro: SEPEHA; Faculdade de Letras/UFRJ, n. 3, jan.-jun. 1990, p. 33.

² BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 13.

³ Op. cit., p. 13.

tica Literária em busca de suporte que possibilite a reorientação dos parâmetros da historiografia tradicional. Dominick La Capra⁴ e Hayden White⁵ podem ser considerados representantes desse grupo. Na área da Crítica Literária sobressaem Roland Barthes⁶ e Philippe Hamon⁷, entre outros.

Um levantamento realizado na Literatura Hispano-americana permite afirmar que, desde a chegada de Cristóvão Colombo a América, diferentes autores, em diversas épocas têm aproveitado a história dos povos ameríndios e suas relações com o branco como fonte de inspiração, ao lhes oferecer amplas situações que os inserem na narrativa ficcional. A leitura de diversos romances onde se inscrevem dados referenciais sobre o indígena demonstra que a plenitude de sua voz, após contato com o branco, vai paulatinamente submergindo no silêncio como resultado da violência, embora em muitas ocasiões tenha reagido ao dominador.

A voz

Na época do descobrimento 90% da população indígena (de 80 a 100 milhões)⁸ concentra-se em um espaço equivalente a 5% da superfície total do continente americano. Alguns povos conseguem maior organização social e registram conhecimentos em ciências, artes, religião associados à organização político-administrativa, falam uma variedade de idiomas e se diferenciam econômica, política e socialmente, como os astecas, maias e incas, no período pré-colombiano. Posteriormente, entretanto, as guerras da conquista são destrutivas: perecem as cidades e seus habitantes, e também documentos são queimados por ordem dos missionários para obrigar os povos a abandonar suas crenças.

Os registros históricos da conquista confirmam o alto grau de conhecimento desses povos como demonstram os *Diários da descoberta da América* – As Quatro Viagens e O Testamento de Cristóvão Colombo; *Cartas de relación* de Fernão Cortez; *O paraíso destruído*: brevíssima relação da destruição das Índias, de Frei Bartolomé de Las Casas; *Comentarios reales* de los Incas, de Garcilaso de La Vega.

⁴ LA CAPRA, Dominick. *Rethinking intellectual history: texts, contexts, language*. Ithaca: Cornell University Press, 1983, p. 27.

⁵ WHITE, Hayden. *Metahistoria*. Trad. Maristela Mastrangelo. México: Fondo de Cultura Económica, 1992, p. 9.

⁶ BARTHES, Roland. Le discours de l'histoire. *Poétique*, Paris, Seuil, fev. 1982, p. 13-14.

⁷ HAMON, Philippe. Un discours contraint. *Poétique*, Paris, Seuil, n. 16, 1973, p. 411-445.

⁸ POMER, León. *História da América hispano-indígena*. Trad. Edimilson Bizelli. São Paulo: Global, 1983, p. 3.

O resgate posterior da memória cultural aparece impregnado pela voz do conquistador.

A partir do século XIX, a literatura inscreve em seus romances a voz do índio. Essa, além de contextualizar o universo indígena, estabelece uma relação com a realidade histórica, através de estratégias discursivas: o espaço se inscreve no mapa da América Latina, aludindo a cenários exóticos, de riqueza e de fartura, cenários de miséria, de inclemência do clima e dos "terratenientes", inscritos em *Hombres de Maíz* de Miguel Angel Asturias, *Raza de bronze* de Alcides Arguedas, *El tungsteno* de Cesar Vallejo, *Huasi-pungo* de Jorge Icaza; *Cães famintos* de Ciro Alegria.

Os sinais temporais de caráter histórico focalizam os fatos em três períodos: o pré-colombiano; o colonial e o republicano, reforçando a dicotomia: ora remetem ao tempo de liberdade, antes da chegada do branco, ora ao período pós-colombiano, da opressão e extermínio. As obras *El arpa y la sombra* de Alejo Carpentier; *La mujer habitada* de Gioconda Belli caracterizam o período pré-hispanista como um tempo de liberdade, e o colonial como um tempo de lutas e sacrifícios dos povos ameríndios. A organização sócio-econômica, vincula-se a uma economia agro-pastoril e aponta para o contraste entre duas realidades: a grande massa marginalizada, representada pela coletividade ameríndia, e os grupos privilegiados dos quais fazem parte os latifundiários, os curas e os capatazes. A vida sócio-cultural sintetiza-se pelas práticas sociais, as quais revelam o mundo mágico e o do trabalho, as relações familiares, as festas religiosas, os mitos, os ritos, os usos e os costumes, desde o espaço mexicano até a região andina. A voz do índio e tudo que ela representa vai submergindo no silêncio através do processo dos atos de violência e de aculturação, imposto pelo grupo formado pelo conquistador, latifundiário, religioso e capataz.

A violência

Desde os primeiros contatos do indígena do Novo Mundo com o branco, o sistema de dominação do segundo sobre o primeiro ocorre, geralmente, sob o signo da violência, a qual consta nos registros dos primeiros conquistadores, dos historiadores da conquista, e se atualiza em episódios da vida contemporânea de alguns países focalizados nas narrativas ficcionais. Os condicionamentos ideológicos que levam à exploração do índio aparecem principalmente em três obras: *Cumandá* – o um drama entre salvas, *El arpa y la sombra* e *La mujer habitada*, *El tungsteno*, evidenciando o índio como mão-de-obra barata e às vezes até gratuita; e, es-

pecialmente, o preconceito racial. Além disso, a inserção da economia nacional no mercado capitalista mundial obriga o trabalhador a sofrer uma dupla exploração: o seu trabalho deve produzir excedentes em condições de atender as exigências dos setores dominantes nacionais, e, inclusive, estrangeiro, contexto em que se afirmam formas autoritárias de poder. Entretanto, a dominação do índio americano não ocorre de forma pacífica, pois este reage de diversos modos, impondo graves perdas à tirania do branco.

A resistência

Na época da conquista, o primeiro sinal da resistência indígena contra os espanhóis ocorre quando os trinta e nove colonos que Colombo havia deixado no forte Navidad, em 1494, são massacrados. No México colonial acontece a vitória dos astecas ao obrigarem os espanhóis e seus aliados à humilhante retirada, em 30 de junho de 1520, no incidente conhecido como Noche Triste. A revolta mais importante ocorre no Vice-Reino do Peru, de 1780-1783, liderada por Tupac Amaru, considerada como a última tentativa dos incas em recuperar seu império perdido. No período republicano, o indígena persiste na luta porque muitos problemas da era colonial perpetuam-se após a independência. *Balún-canán* oferece uma série de informações sobre a revolta dos índios de Chiapas, na região mexicana; *Oficio de tinieblas* registra, nessa mesma região, um movimento rebelde mesclando agrarismo e sincretismo religioso. A resistência adquire novos contornos de organização social em *A casa verde* e *Lituma nos Andes*. *Meu tio Athualpa* de Paulo Carvalho Neto segue a mesma linha crítica das obras anteriores, elegendo, entretanto, o espaço ficcional como o campo da resistência, ao tratar personagens e episódios que têm origem na realidade latino-americana.

O silêncio

A História e a literatura registram a redução gradativa e sistemática da voz indígena em direção ao silêncio: a primeira mantém, até o século XIX, um discurso hispanista para valorizar as ações dos conquistadores e colonizadores e, desse modo, engrandecer a Espanha; a segunda, através da criação poética, ao inscrever os processos de silenciamento, incluindo a censura imposta a autores, em decorrência de sua postura ideológica e de sua opção em favor da minoria indígena, oferece uma outra leitura a fim de

recuperar, em parte, a memória do passado e suprir o caráter lacunar da assim chamada história oficial.

Para Michel de Certeau,⁷ o sujeito elabora o que o outro cala não porque na realidade cale ou não tenha um saber ou dizer: devido a pormenores como a ignorância do intérprete, deficiência da tradução ou da memória, o significado do outro somente pode aparecer na escritura do sujeito. Na opinião de Beatriz Pastor, os processos de conquista e dominação quando narrados por uma só voz, acontecem somente quando "todo diálogo há sido suprimido, todo interlocutor silenciado, toda diferença borrada, todo dissidente eliminado".⁸ Esta afirmação também pode ser estendida a episódios históricos posteriores, da independência até hoje. Por isso, é necessário quebrar o espelho da verdade documental de modo que se rompa também o silêncio de outras vozes.

Os romances analisados evidenciam a situação do índio em seus momentos cruciais, registrando episódios sobre a privação da palavra, da vida e de sua referencialidade e humanidade. Esse silêncio pode ser caracterizado através de quatro conjuntos: o abandono, o ocultamento, o extermínio, a censura. O enfoque histórico, presente nas narrativas, oferece subsídios para compreender, na expressão de Octavio Ianni, que "a idéia de civilização e barbárie atravessa a história da cultura latino-americana",⁹ sob a forma de questão racial.

Conclusão

Os procedimentos utilizados pela ficção, ao desvendar a voz aviltada do indígena rumo ao silêncio, jogam uma rede de luz sobre os diversos discursos da História, já que a História tradicional apresenta a conquista como uma façanha prodigiosa, realizada por um pequeno número de homens valentes que dominam milhares de nativos, com a cruz e a espada, em nome de Deus e do reino de Castela. No entanto, deve-se considerar o momento de sua produção, o repertório cultural dos autores, sua capacidade de percepção, condicionada por experiências e valores europeus que não lhes permite ver, identificar e compreender o novo e o diferente.

⁷ CERTEAU, Michel de. *La escritura de la historia*. Trad. Jorge Moteczuma. México: Universidad Iberoamericana, 1985, p. 42.

⁸ PASTOR, Beatriz. Silêncio y escritura: la historia de la conquista. In: STEPHAN, Beatriz G.; COSTIGÁN, Helena. *Crítica y descolonización: el sujeto colonial en la cultura latinoamericana*. Caracas: Equinocio/Universidad Simon Bolívar/The Ohio State University, 1992, p. 130.

⁹ IANNI, Octavio. *O labirinto americano*. Petrópolis: Vozes, 1993, p. 14-18.

Em que pese a divergência de vozes, é necessário, na opinião de Tzvetan Todorov, não descartá-las "porque quando um autor se engana ou mente, seu texto não é menos significativo do que quando ele afirma a verdade",¹² devendo-se levar em conta o momento, o ato e as circunstâncias da enunciação, de modo que a única opção é não ler esses textos como enunciados transparentes. Para o Autor, "um fato pode não ter acontecido, mas a possibilidade de afirmá-lo como verdadeiro e ter sido aceito pelos contemporâneos é pelo menos tão revelador quanto a simples ocorrência de um evento, importando mais a verossimilhança do que o verdadeiro".¹³ Nesse caso, a ficção, ao privilegiar o indígena hispano-americano e sua realidade sócio-histórico-cultural, desde os tempos da conquista, transforma a realidade através do verossímil narrativo, podendo ser um elemento essencial à apreensão desse contexto, porque possibilita a criação de verdades que a História omitiu ou silenciou. A literatura abre a arca da memória para resgatar e trazer à luz as experiências daqueles que viveram, consagrando, através da realidade estética, as vivências do universo indígena: sua voz, seu sofrimento, sua resistência, seu silêncio para que os fatos e as personagens não se percam no tempo e no esquecimento.

¹² TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. Trad. Beatriz P. Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1988, p. 52.

¹³ Op. cit., p. 52.